



REDACTORES

DOMINGOS GUIMARÃES

JAO OTNIP



# A JOIA

REVISTA QUINZENAL LITTERARIA

DEDICADA ÀS DAMAS VIMARANENSES



REDACÇÃO

RUA DAS LAMELLAS

N.º 37



NUMERO 4

GUIMARÃES, 9 DE OUTUBRO DE 1887

1.ª SÉRIE

## SUMMARIO

*Chronica*, por Domingos Guimarães — *Carnet mondain* — *A Gaviota*, soneto, por Antonio Fogaça. — *No cair da tarde*, poesia, por E. Sanches da Gama. — *Rolando*, soneto, por Alberto Bramão. — *Ignote*, soneto, por Alberto Correa. — *Invenção desastrosa*, conto, por Souza Rocha. — *Moribunda*, poesia, por C. Guimarães. — *Expediente*.

## CHRONICA

S. Ex.<sup>a</sup> o Inverno.

Eil-o que chega; vem agitando o seu pandeiro de guisos alegre e galhofeiro, com os sarcarmos de um Mephistopheles e os galanteios de um namorado elegante.

Eil-o. As primeiras camelias abafam-se nos seios duros e setinosos de Vossencias; as valsas caprichosas gemem nos violinos melancolicos o preludio dos seus compassos felizes; diante dos espelhos, esculpturas primorosas, perfis peninsulares de creanças adoraveis envoltos no veu *agaçant* do vedado, do intangivel, coqueteam ensaiando os seus sapatinhos de baile; as arcadas meyerbeerianas estalam violentas como girandolas; as chronicas mundanas desenrolam o seu programma de festas; nas *vitrines* das livrarias espreitam as suas brochuras fascinantes as ultimas *etrennes*; a moda exhibe-se na soberania do seu dominio, e os

theatros abrem a sua grinalda de luz.

E' S. Ex.<sup>a</sup> que chega.

O Toural começa a animar. O sol é tépido, colorindo d'um amarello d'ouro todo este mundo que se agita e que vive e o azul é fresco e penetrante, como o vento que passa, um bello vento frio e excitante que faz encarnados os narizes gordos dos burguezes, e levemente roxas, d'uma tonalidade imprevista e suave, as faces macias e pallidas das nossas raparigas. Pelos squares, no asphalto dos *troitirs* transbordando de gente perpassam alegremente, em correrias como bandos de pombos bravos, grupos de *babies* deliciosos, orgulhosos nos seus calçõesitos de fiarella muito branca que lhe descem até ao joelho, os rostos na illuminura de esperanças suaves, os olhitos como vivos diamantes da mais exquisita agua, os cabellos frescos e leves como os linhos, da côr de ouro e da velludez dos setins macios; raparigas alvas e morenas, de

bellos olhos de azeviche e cabellos d'ebano ou typos ideaes de Rubens, o rosto branco e alabastrino, meio velado por um veu salpicado de pontinhos d'ouro, esfumado na vaga penumbra de um chapéu niniche, olhos serenos, transparentes e vivos como saphyras desmaiadas, e cabellos feitos de tenuissimos fios de sol; *sportmans* correctos de fresca rosa chá na *boutonniere* piaffando cavallos *pur-sang* no orgulho das crinas ondulantes; *coupes huit resorts Blynder* frios e pallidos deixando entrever atravez os vidros embaciados vultos estonteantes de mulheres formosas aquecendo os pequeninos pés tentadores, n'uma morna pellica.

E' S. Ex.<sup>a</sup> que chega, o inverno amigo, que nos dá nos *restaurants* da moda as ceias lautas, bem quentes, os ponches, d'uma luz lugubre, o *coqnac* louro, o *menthe* incolor, o absintho opalino, na orchestração de coriscações de risos, em gargalhadas argentinas, vibrantes, acompanhadas de um estalar de ossinhos

de perdiz, ou n'um referver de pequeninas bolhas que sobem chocando-se, que se crusam, volteiam, boiam e estalam ruidosamente nas facetas de uma taça de *chrystal* diamantino...

\*

Foi hontem ainda. As mãos cruzadas sobre o peito, os olhos cerrados, na pallidez da morte, arcangelico, sereno parecia ir continuar no ultimo acõchego lugubre aquelle sonho tão suave que o levava na aivorada dos seus dezeseis annos glorioso a deslisar mansamente no mar da vida embarcado na gondola azul das chymeras e das aspirações. Pobre e querido amigo. E ali na algidez do tumulto estreito illuminado pelo luar da sua bella alma, sonhadora, viu-o resvalar como uma estatua de marmore sem uma contração na face aquella creança que tanto soffrera, o doce poeta que era aos dezeseis annos o primeiro lyrico do nosso paiz, que soubera vasar nos seus inimitaveis *Dispersos* a essencia da sua bella alma, que, co-

mo ninguém até hoje burilara o sonetillo, com a perfeição d'um baixo relevo de Cellini. Meu bom e querido Eduardo, coração feito de luz e azul, existencia feita de beijos e flores, tu eras, não temo dizel-o, a organização mais finamente subtil de todos os architectos do ideal, eras como que Saint Victor do verso; e os teus *Dispersos* que eu leio mil vezes foram a estreia mais promettedora que tem havido depois das *Miniaturas* de Gonçalves Crespo. Foi hontem e já hoje, quatro annos depois vem a *Chronica* orvalhar com as lagrimas da sua dôr a campa do idolatrado amigo e do grande poeta...

A tarde, uma bella tarde de outomno, era serena e tepida.

O vulto de Affonso Henriques na musculatura de um gigante, de um primor de esthetica, o braço a descancar no pesado guante, a fronte energica, vincada de rugas, recordando o azul olympico, sereno, triumphante, parecia dizer no mu-

tismo do bronze uma larga epopeia homerica dos seus feitos.

E o sol abatia-se ao longe frouxo, curvando-se reverente ante o heroe que dominava na sua estatura de gigante os pigmeus que o contemplavam extacticos. Os heroes illuminam.

Então surgiu ante mim n'uma apothéose de gloria a sombra do passado e pareceu-me ver na cupula do azul cuja serenidade nenhuma outra cousa perturbava mais que o estalar dos foguetes, destacando na detonação do dynamite pedaços de algodão, um coro longinquo de Titaens a cantar um hymno de triumpho e gloria. E a chronica sentia-se bem, sentia-se feliz, ali ao lado da estatua magestosa e ao abrigo d'aquelle heroe tão simples e tão grande...

DOMINGOS GUIMARÃES.

## CARNET MONDAIN

Desde o dia 10 do corrente até ao dia 17 fazem annos as ex.<sup>mas</sup> sr.<sup>as</sup>:

Dia 10.—D. Dorothea Teixeira de Menezes.

Dia 11.—D. Amelia Alves Lemos.  
Dia 13.—D. Rosa A. Ribeiro de Faria.  
Dia 17.—D. Maria Thereza Pinto Tavares Ferrão.

Acham-se a banhos:

Povoa de Varzim.—O nosso distincto conterraneo o Ex.<sup>mo</sup> Visconde de Passos de Napereira.

Idem.—O distincto jornalista e illustrado official do exercito o ex.<sup>mo</sup> capitão Francisco José Machado.

Regressaram:

Ancora.—O sabio archeologo o Ex.<sup>mo</sup> Sr. Dr. Francisco Martins Sarmento, suas ex.<sup>mas</sup> esposa e sobriuha.

Idem.—O digno par do reino o Ex.<sup>mo</sup> Conde de Margaride, e sua ex.<sup>ma</sup> familia.

Povoa de Lanhoso.—O nosso bom amigo o Ex.<sup>mo</sup> Sr. Joaquim Per.<sup>a</sup> da Costa Guimarães e sua sympathica cunhada a Ex.<sup>ma</sup> Sr.<sup>a</sup> D. Maria Adelaide de Castro Novaes.

Taypas.—O Ex.<sup>mo</sup> Sr. Dr. Antonio Vieira d'Andrade.

Foz do Douro.—O ex.<sup>mo</sup> sr. Dr. Antonio José da Costa Santos e sua ex.<sup>ma</sup> familia.

Povoa de Varzim.—O nosso amigo o ex.<sup>mo</sup> sr. Marianno Augusto da Rocha.

Famalicão.—O nosso presadissimo collaborador o Ex.<sup>mo</sup> Sr. Dr. Eduardo Carvalho, e sua ex.<sup>ma</sup> esposa.

De uma digressão pelo Minho regressou tambem a Vizella o nosso intimo e talentoso amigo Dr. Braulio Caldas.

## A GAIVOTA

*Ao Dr. Miguel Pereira da Silva*

Passa-me o rio em frente da janella.  
Muita vez, ao luar, noites de rosa,  
vejo boiando uma gaivota anciosa  
sobre a corrente murmura, singela.

E' sempre a mesma. E' uma dilicia vel-a;  
e tanto me entretém, — voluptuosa,  
que chego, n'esta vida trabalhosa,  
quando ella falta, a ter saudades d'ella.

Pois que, vendó-a passar boiando e mansa,  
sinto-me alegre; e occorrem-me á lembrança  
as conquistas, a lyra, a morbidez,

d'um trovador ditoso, fluctuando  
pelos canaes, em gondola, cantando,  
nas amorosas noites de Veneza.

Dos «Versos da Mocidade» no prélo.

ANTONIO FOGAÇA.

## NO CAHIR DA TARDE

Entre os bellos momentos que tivemos,  
houve uma coisa que me lembra mais,  
foi um passeio que nós juntos demos,  
n'uma tarde risonha, entre os pinhaes.

Então fizemos longas confidencias  
intimamente, quasi a meia voz;  
e andavam pelo ar vivas essencias  
de madre-silva em volta de ambos nós.

Como tu ias bella, n'esse instante,  
de uma belleza extranha que encantava...  
e eu via o teu *corsage* que ondulava,  
bem como o seio de uma rolla amante...

Se fallavas tambem do nosso amor,  
vivo carmin tingia a tua face,  
e era tão delicada aquella cor,  
como se a folha de um jasmim corásse.

A noite foi descendo pelo espaço  
nitidamente, como um veu de gaza;  
e tu vieste então pelo meu braço  
regressando de manso para casa...

Depois, mais tarde, em ferveroso anceo,  
a recordar formosos ideaes,  
nunca pude esquecer esse passeio  
n'uma tarde risonha, entre os pinhaes.

Coimbra, 87.

E. SANCHES DA GAMA.

## ROLANDO...

O heroe da lenda de Eginhard famosa,  
Nascido á luz do genio paladino,  
A quem Ariosto alevantou um hymno,  
E a quem Mermet cantou com voz grandiosa,

Para colher a estremeçada rosa  
Do seu amor infausto e peregrino,  
Sacrificou, no mar do seu destino,  
A vida, o amor, toda a sua alma anciosa.

Como Rolando eu era grande e forte...  
Fui, muito tempo, cavalleiro andante,  
Na guerra accessa em busca do meu norte...

No ardor ancioso da infeliz contenda,  
Tambem perdi o amor, o sonho, a amante...  
Só não morri, como o heroe da lenda.

Das «*Madresilvas*» no prélo.

ALBERTO BRAMÃO.

## IGNOTE

Não sei quem és -- nunca te vi -- no entanto  
Comprehendo a tua alma e é quanto basta :  
E's meiga, altiva e triste : és doida e casta ;  
E's feita, como eu, de sonho e pranto.

Adoro-te, mulher, crê no meu canto.  
A mesma luz ideal — talvez nefasta —  
Que em procura do amor tua alma arrasta,  
Arrasta me tambem no mesmo encanto.

Juntos vivemos, não sei bem aonde,  
Porque persinto que a minha alma esconde,  
Como avara cruel, lembranças tuas ;

Porque persinto que de vez emquando  
Ella me fôge para ir, voando,  
Beijar as tuas mãos brancas e nuas.

Foz do Douro

ALBERTO CORREA.

## CONFERENCIAS PEDAGOGICAS

Agradecemos o convite para assistirmos ás conferencias pedagogicas que se realisam n'esta sub-circumscripção escolar, com que a obsequiosidade do illustrado, sub-inspector escolar nos honrou.

A *Joia* far-se-ha representar.

---

 INVENÇÃO DESASTROSA
 

---

— Adens Silva; então como vae lá a catholica?

— Olha o Anacleto! como vaes tu, homem? o que fazes?

— Penso, meu amigo, penso muito.

— Oh! diabo, vê lá que isso é perigoso...

— Perigoso?

— Sim; então não sabes a historia d'aquelle desgraçado quadrupede que...

— Mau, ahi vens tu já com picuinhas.

— Vá lá, não te zangues: entre amigos tolera-se sempre uma graça.

— Pois, mas quando se tracta de coisas d'importancia...

— Então que é?

— Pois não sabes?!

— ?...

— Ainda t'o não disse?

— Mas não disseste, o quê? Homem, falla, explica-te...

— A minha invenção...

— Ah! a tua invenção!... sim... os siphões mechanicos, já sei. E então deram resultado?

— Não, homem, fui roubado; houve ahi um patife que me fez concorrência... tal qual como com os moinhos de vento, sabes? aquelles moinhos destinados a refrescar os quartos de dormir?...

— Sim, lembro-me...

— E ainda foi uma felicidade eu ter mandado construir um só para amostra, do contrario succedia-me o mesmo que com os ferros de bruir o gelo... tenho lá um quarto atulhado com mais de duzentos,

qualquer dia vendo tudo aquillo a peso e está acabado.

— E's infeliz com os inventos...

— Dize antes que são os invejosos, os insignificantes que não concedem o mais pequeno bocado de superioridade a um homem de genio. Oh! mas d'esta vêz conto com um successo, um verdadeiro triumpho; a minha nova invenção...

— Outra já?

— Outra?! muitas, meu amigo, muitas; enquanto Deus me der vidinha e saude, hei de inventar tudo, tudo, tudo o que fôr proveitoso.

— Porém, de que consta a tua nova invenção?

— Ainda t'o não disse? pois meu caro, pasma, admira e fica sabendo que em breve realisarei a obra mais monumental e mais benefica para a humanidade: a extincção rapida, momentanea, do mais pavoroso incendio!

— Oh! E como pode realisar-se um tal milagre?

— Sim, milagre é o nome que

mais se lhe apropriã, e grande injustiça me fará o governo se não me concede uma patente para esta tão monstruosa invenção.

— Mas, com a bréca, de que consta ella?

— Pois ainda t'ò não disse?!... Olha, a luz d'uma vela, apaga-se com um simples assopro, não é verdade?

— Sim, e depois?

— Ora visto isso, com certesa, com toda a certesa, uma fogueira deve tambem apagar-se por meio d'um assopro de força relativa á sua intensidade, não achas?... eu creio que isto não padece a menor duvida.

— Mas, d'onde dimana esse assopro, como tu dizes?

— Espera lá, que isso é que é o ponto principal... a minha invenção, como eu ia dizendo, consiste n'uma grande caldeira em cuja base superior ha um largo e comprido tubo de caotchue, terminandó em fórma de trombeta, e d'onde sae um terrivel jacto de vapor, que aquillo

é... zás... um assopro e está bellado o incendio.

— Mas...

— Aqui não ha mas nem meio mas... tenho tudo calculado, has de ver.

.....  
Dias depois, o jornal mais lido da terra publicava a seguinte local:

— «*Incendio*». Hontem, pelas 4 horas de tarde, manifestou-se um violento incendio no predio n.º... da rua de..., pertencente ao sr. Anacleto da Purificação; o fogo tomou em pouco tempo umas taes proporções que ameaçou devorar todos os predios contiguos.

Graças, porém, aos soccorros publicos o incendio poude ser localisado, fazendo-se depois a extincção na melhor ordem possivel. Com respeito a desgraças pessoas, só nos consta ter ficado o referido sr. Anacleto com um olho horriavelmente queimado.»

Eis qual foi o resultado que o in-

feliz inventor obteve com a experiencia do seu jacto para a extincção momentanea d'incendios os mais pavorosos.

Porto.

Souza Rocha.

MORIBUNDA

(A Antonio Julio Ferreira de Barros)

Ella, como a bonina resequida pela ardencia solar torrificante, jazia — pobre virgem dolorida — no leito em convulsão febricitante:

sua bocca, que foi ceu purpurino com enlevo de risos d'alvorada, d'onde emergia um cantico divino de requebros ardentes d'uma fada,

transformara-se em filtro de granito distillando continuadamente um gemer doloroso, indefinito n'um abysmo de dor atroz, ingente!

E a luz de seu olhar fremicitante, fitando uma parage indefinida, par'cia em ignição broxoleante e definhadamente amortecida...

Vendo-lhe a vida assim—meu pobre amor!  
a dissipar-se como sonhos lassos,  
eu apertei-a, immerso em grande dor,  
entre a dura cadeia de meus braços.

Então via fitar-me por enanteo...  
E, mariposa em derradeiro adejo,  
veio buscar em mim, envolta em pranto,  
o nectar salutar de mais um beijo.

Depois, com uma voz quasi sumida,  
depondo-me nas mãos a loira trança,  
murmurou soluçante, entorpecida:  
— Guarda, meu bem, esta ultima lembrança!...

E n'um soluçar morbido, dolente,  
inclinando-me o colo de setim,  
foi-se sumindo... olhando-me, plangente,  
e ao mesmo tempo a um Christo de marfim!

Porto, 87.

C. GUIMARÃES.

## EXPEDIENTE

Sendo uma das condições da assignatura o pagamento adeantado, pedimos a todos os nossos assignan-

tes de fóra da cidade, se dignem enviar-nos a importancia das assignaturas, com a maxima brevidade, evitando assim a escripturação e despezas que demanda para nós a cobrança pelo correio, que encetaríamos se não formos attendidos até ao proximo numero.

Um engano na distribuição da materia do ultimo numero motivou que não fossem publicados os escriptos dos nossos estimabilissimos collaboradores Antonio Fogaça, Sanches da Gama, A. Bramão, A. Corrêa e C. Guimarães, o que fazemos agora e que nos inibe ainda da publicação n'este numero das produções que ficam em nosso poder dos nossos estimabilissimos colaboradores Manuel de Moura, Azevedo Coutinho, Silva Ferraz, Gomes Alves, Daniel d'Abreu, Vidal Dudinot, Luiz Cardoso, A. Rocha, D. Costa, e da ex.<sup>ma</sup> sr.<sup>a</sup> D. Virginia d'Abreu, que sahirão nos numeros seguintes.

Por absoluta carencia de espaço, deixamos para o proximo numero as secções *Quinzena litteraria* e *Livros*

e *jornaes*, em que faremos a apreciação das obras com que a amabilidade dos ex.<sup>mos</sup> auctores e editores nos tem distinguido e daremos o nome dos muitos jornaes que a todo o momento nos estão honrando com a sua troca e confundindo-nos com as suas imerecidas expressões de elogio.

Pedimos desculpa aos nossos preadissimos leitores pelas erratas que sahiram no ultimo numero, especialmente na chronica, que deixamos de corrigir, porque o leitor facilmente as perceberá.

No proximo numero, por a composição d'este já o não permittir, publicaremos uma poesia posthuma que proximo da morte, a ares em S. Roque da Lameira, nos offereceu e dedicou Eduardo Coimbra, o grande lyrico e estremecido amigo, e que julgamos ainda se conserva inédita.

Typ. Zeferino, R. Nova de S. Mamede, 26

LISBOA